



VIGIA DE CLUBE mora em Grumari desde que nasceu, há 42 anos

INSTITUTO	
 Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	Oglobo (Rio)
Data	5/7/2001 Pg 17
Class.	729

Parque de Grumari provoca reações

Famílias resistem; vereador estima indenizações em R\$ 40 milhões

Selma Schmidt

• A criação do Parque Natural Municipal de Grumari — numa área de 805 hectares (8,5 milhões de metros quadrados) onde desde ontem nada pode ser construído — já provocou reações. Famílias que vivem nas cerca de 40 casas construídas no meio da vegetação não querem se mudar. Valdelino Xavier Marques, de 65 anos, que nasceu em Grumari e preside a associação de moradores, disse que vai lutar para que não haja despejos.

— Não saberia para onde ir e nem me acostumaria em outro lugar — disse Valdelino.

O ex-prefeito Luiz Paulo Conde também entrou na polêmica. Segundo ele, o mais sensato seria destinar parte do terreno (200 hectares) a um hotel ecológico com campo de golfe, escolhido através de licitação internacional. O restante da área seria parque público, mantido pelo hotel.

— É burrice criar um parque com mais de 8 milhões de metros quadrados, do tamanho de Leblon (2,28 milhões de metros quadrados), Ipanema (1,08 milhões), Lagoa (2,27 milhões) e Jardim Botânico (2,83 milhões) juntos — afirmou Conde.

Para o ex-prefeito, seria difícil para o município controlar um parque tão grande, de modo a impedir que o local seja invadido e favelizado.

O vereador Rodrigo Bethlem (PFL) estima em R\$ 40 milhões o valor mínimo que a prefeitura teria de pagar aos proprietários de terrenos em Grumari para poder desapropriá-los:

— Fiz a conta por baixo. Estimei em R\$ 5 o metro quadra-

do, pois os terrenos desvalorizaram com a proibição de construir. O parque é um factóide.

O secretário municipal de Meio Ambiente, Eduardo Paes, reiterou ontem que a prefeitura ainda não calculou os gastos que terá para indenizar os proprietários. Entre eles, a Faculdade Simonsen, que é dona de terrenos e até de um clube (o Grumari Beach Garden) no local.

Fechamento de rua é mais um motivo de protestos

Quanto às famílias tradicionais de agricultores e pescadores que não têm títulos de propriedade, Eduardo disse que ainda não há decisão sobre o seu destino: poderão ficar em Grumari e trabalhar na manutenção do parque ou serem reassentadas em outra região.

— Como é que índios vão trabalhar na cidade? — indagou o pescador Sergio dos Santos, que também é vigia do clube e mora em Grumari desde que nasceu, há 42 anos.

A decisão de fechar a Avenida Estado da Guanabara, que corta Grumari, foi mais um motivo de protestos. Pelo projeto do município, no lugar da estrada serão plantadas mudas de vegetação de restinga.

— Se alguém passar mal ou precisar comprar qualquer coisa como vai fazer sem carro? — questionou a moradora Emília de Jesus Gomes, de 84 anos.

— Proibiram os carros de entrar em Grumari no último fim de semana, por causa de um campeonato de surfe na Praínha, e o trailer onde trabalho ficou às moscas — contou Cristiane da Silva Batista, que vive com os pais, sete irmãos e uma prima em Grumari. ■